

ANEXO I

“DIÁLOGO FRATERO DE CULTURAS”, DISCURSO DE MÁRIO SOARES (PRESIDENTE DA REPÚBLICA DE PORTUGAL) O 14 DE MAIO DE 1993 NA UNIVERSIDADE DE VIGO, NA CERIMONIA DO SEU NOMEAMENTO COMO MEMBRO HONORÍFICO DO CLAUSTRO DE PROFESORES DA FACULDADE DE DEREITO.¹⁶

É para mim uma grande honra e motivo de muito júbilo comparecer perante vós, nesta cerimonia em que sou solenemente nomeado membro honorário do Claustro dos Professores de Direito da vossa Universidade.

A generosa decisión que tomaram, que tanto me penhora e agradeço, representa mais uma manifestación da vontade política que Vos anima de estreitar os laços fraternos que unem Portugal e a Galiza, actualizando urna herança várias veces secular e dando-lhe, neste tempo de mudançã, um vigor maior que, obviamente, deverá traduzir-se em novas e mais imaginativas formas de cooperación.

Nesta vetusta Cidade e nesta tão ilustre Casa, sinto-me acarinhado, entre amigos. Desde jovem que sou um enamorado da Galiza, da sua alma sonhadora e sensível, da sua paisagem de horizontes vastos, dos seus poetas e romancistas, dos seus navegantes e homens de acção. E não esqueço que Pablo Iglesias, o fundador do socialismo espanhol, é galego.

Com o passar dos anos, aprofundei o amor à terra galega e o conhecimento da sua história, da cultura, dos monumentos, do Povo, dos seus costumes e até da sua tão extraordinária gastronomia. Tornei-me amigo de alguns galegos ilustres — como o Presidente da Xunta, D. Manuel Fraga, alguns dos seus alcaldes, académicos e escritores — e tenho mantido uma ligação permanente com a vossa tão esforçada comunidade, que vive e trabalha em Portugal.

¹⁶ O texto reproducido (no seu orixinal versión en lingua portuguesa) pode encontrarse nos fondos documentais da Universidade de Vigo e, tamén, publicado en SOARES, Mário: *Intervencións*. Vol. 8, Ed. Imprensa nacional-Casa da Moea, Lisboa, 1994, pgs. 123 ss.

Sucedem que hoje, talvez pela primeira vez na nossa história comum, os *temas galegos* estão presentes na actualidade cultural portuguesa. Muitos são os escritores, os artistas e intelectuais que estudam e divulgam a vossa Cultura e Língua, mantendo laços constantes de cooperação com as instituições e os homens de pensamento e de arte galegos. Começa a estabelecer-se, como natural, um certo intercâmbio entre as nossas Universidades e homens de Cultura.

É um caminho muito fecundo que devemos prosseguir. Temos muito a fazer em comum. Para isso, havemos de encontrar os meios para passarmos da retórica da boa vizinhança a formas eficazes de relacionamento, nos planos cultural, científico e universitário, evidentemente, mas também nos domínios económico, político e regional ou autárquico. A nossa contiguidade geográfica, as origens comuns da língua, a história partilhada, a maneira de estar e de ser tão próximas e o próprio conhecimento mútuo têm de ser valorizados e projetados com vista ao futuro.

A Comunidade Europeia que estamos a construir em comum terá de ser cada vez mais a Europa das Regiões e das Cidades, a Europa dos Cidadãos e dos Povos, das diferenças e das identidades, mas também, e sobretudo, da solidariedade. Só assim será possível caminhar-mos para a unidade política e económica numa verdadeira União Europeia que terá de ser realizada na participação, no controlo democrático dos cidadãos e no respeito pelas diversidades, que tanto nos enriquecem.

Esse respeito pelas singularidades e pelos particularismos é um factor insubstituível de enriquecimento de todos mas só ele, também, nos permitirá afastar tentações hegemónicas, projetos centralistas e os nacionalismos que de novo ressurgem com enorme espírito agressivo e isolacionista.

A Europa tem de ser realmente urna *casa comum* para todos os europeus -e como tal sentida por todos— mas, ao mesmo tempo, deverá saber abrir-se ao largo Mundo como é da sua tão bela tradição universalista.

Modesto advogado de barra e generalista, durante bastantes anos, a honra de pertencer ao vosso douto Claustro de Professores de Direito, tomo-a como uma distinção imerecida e um gesto dirigido fundamentalmente a Portugal e de grande simpatia para com quem o representa, pela vontade livremente expressa dos seus concidadãos.

Num tempo conturbado e inseguro, é bom que se celebrem os rituais da amizade e da confiança no futuro, de que este ato é um belo e generoso exemplo.

A criação da Universidade de Vigo, autonomizada da antiga e nobre Universidade de Santiago de Compostela —da qual tive a honra de ser feito doutor *honoris causa*— constitui um sinal de desenvolvimento da Galiza e uma aposta no futuro da província de Orense.

As Universidades são hoje pólos fundamentais de progresso cultural, social, económico e regional. Por isso devem estar abertas à sociedade, às suas aspirações e problemas, e às preocupações do tempo. Centros de saber, de criatividade e de diálogo, constituem uma escola insubstituível de democracia e, portanto, de civismo, sendo, do mesmo passo, um estímulo à curiosidade pelo que é novo.

Houve um tempo em que pareciam imperar apenas as exigências do imediatismo, do consumismo e do egoísmo. Mas o Mundo está agora a dar-se conta —penso— de que só com nobres ideais e na fidelidade aos grandes valores é possível encontrar um rumo de esperança para um futuro que se apresenta tão incerto. Os jovens, na sua generosidade e inconformismo, são os primeiros a sentir, como suas, as grandes causas por que vale a pena lutar: a defesa do ambiente e da vida no planeta, a luta pela justiça e pela solidariedade, o combate contra o racismo, a xenofobia, a miséria, a exclusão social, o subdesenvolvimento, a ignorância, a doença e o medo.

Os Mestres de Direito, representados pelos ilustres professores desta Universidade, têm seguramente a consciência de que, no nosso tempo, se joga, mais uma vez, o futuro do homem enquanto ser livre e responsável, sujeito de direitos e deveres, integrando a família humana da qual todos partilhamos o destino, solidariamente.

O Portugal que represento é um país aberto à modernidade, fiel às suas raízes históricas e culturais e à sua vocação universalista. Membro da Comunidade Europeia tem vindo a fazer um grande esforço para assegurar uma política de desenvolvimento, com verdadeira dimensão social.

A comunidade linguística que constituímos com todos os países que falam português é a melhor atualização daquela vocação universalista. Nessa Comunidade, aqueles que falam galego, nunca poderão ser estranhos.

Empenhados na construção da Europa, que queremos unida e constituindo um espaço de liberdade e de solidariedade, estamos irmanados com os povos europeus e, em primeiro lugar, com os Povos de Espanha, nesse desafio vital para todos nós.

Durante as ditaduras peninsulares, em que as boas relações existentes entre os ditadores representava apenas um pacto de conveniência, os nossos Povos estiveram frequentemente de costas voltadas, sem dialogarem. Estivemos sujeitos à privação da liberdade e da participação, sofremos a estagnação e o isolamento, a pobreza e a injustiça. Por isso, Eugénio de Andrade escreveu:

«Terra
que prolonga a minha,
onde a pobreza trabalha
cada leira, cada palavra

E a melancolia
rói e remói
os ossos, a pedra

Terra de Rosalia»

Com a instauração da democracia, o Portugal do 25 de Abril e a nova Espanha da democracia e das autonomias reencontraram-se. Os seus Povos sabem hoje que o respeito mútuo e a cooperação não só são possíveis como absolutamente necessários.

A Galiza, pela proximidade, pelas raízes e pelos laços, está no coração dos portugueses. Uma grande poetisa portuguesa contemporânea dedicou a Rosalia de Castro, símbolo da alma galega, um poema belíssimo.

Escreveu Sophia de Mello Breyner:

«Seu puro rosto oferecendo ao dia.
Suas mãos no silêncio repousadas.
Seu corpo como um rio.

Trata-a o céu azul como uma irmã
Interior às vozes celebradas
Mas alheia ao rumor da vida vã.»

Nos versos de Sophia e de Eugénio, que consubstanciam o diálogo fraterno entre as nossas culturas, está contida a mais alta homenagem de Portugal à terra galega.

Ao fazer minha essa homenagem, agradeço, urna vez mais, a distinção que me foi concedida e, em nome de Portugal, saúdo a Galiza e o seu Povo, certo de que o nosso encontro nesta Universidade simboliza a fraternidade que nos une e tanto nos enriquece.